HUMANAS E SOCIAIS
V.12 • N.3 • 2025 • Publicação Contínua

ISSN Digital: **2316-3801**
ISSN Impresso: **2316-3348**
DOI: **10.17564/2316-3801.2025v12n3p604-618**

INTERFACES CIENTÍFICAS

REPRESENTAÇÕES DE CAPIXABA NA TELENOVELA A DONA DO PEDAÇO

REPRESENTATIONS OF CAPIXABA IDENTITY IN THE TELENOVELA *A DONA DO PEDAÇO*

REPRESENTACIONES DEL CAPIXABA EN LA TELENOVELA *A DONA DO PEDAÇO*

Luís Enrique Cazani Júnior[1]
Gabriela Santos Alves[2]

RESUMO

O artigo apresenta um estudo sobre as representações do estado do Espírito Santo a partir de uma cena da telenovela *A Dona do Pedaço* (2019). Inicialmente, um grupo de cinquenta e três estudantes residentes na região foi convidado a se posicionar sobre o fragmento. Em seguida, suas opiniões foram analisadas com base nas categorias "atitude", "informação" e "campo da representação", propostas por Moscovici (1978), procurando responder à questão: quais são as semelhanças e diferenças entre o entendimento da emissora e dos alunos a respeito dos objetos de sentido? Os traços observados foram: "sotaque", "criminalidade", "religiosidade", "tradição" e "conduta". Como principal resultado, verificou-se que os estudantes **não** reconheceram substancialmente a naturalidade capixaba na obra.

PALAVRAS-CHAVE

Audiovisual; Representação; Brasil

ABSTRACT

This article presents a study on the representations of the state of Espírito Santo based on a scene from the telenovela A Dona do Pedaço (2019). Initially, a group of fifty-three students residing in the region was invited to express their views on the selected excerpt. Their opinions were then analyzed according to the categories of "attitude," "information," and "field of representation," as proposed by Moscovici (1978), seeking to answer the question: what are the similarities and differences between the broadcaster's and the students' understandings regarding the objects of meaning? The observed features were: "accent," "criminality," "religiosity," "tradition," and "conduct." As the main result, it was found that the students did not substantially recognize the Capixaba identity in the work.

KEYWORDS

Audiovisual; Representation; Brazil.

RESUMEN

El artículo presenta un estudio sobre las representaciones del estado de Espírito Santo a partir de una escena de la telenovela A Dona do Pedaço (2019). Inicialmente, un grupo de cincuenta y tres estudiantes residentes en la región fue invitado a expresar su opinión sobre el fragmento seleccionado. Sus opiniones fueron analizadas según las categorías de "actitud", "información" y "campo de la representación", propuestas por Moscovici (1978), buscando responder a la pregunta: ¿cuáles son las similitudes y diferencias entre la comprensión de la emisora y la de los estudiantes con respecto a los objetos de sentido? Los rasgos observados fueron: "acento", "criminalidad", "religiosidad", "tradición" y "conducta". Como resultado principal, se constató que los estudiantes no reconocieron sustancialmente la identidad capixaba en la obra

PALABRAS CLAVE

Audiovisual; Representación; Brasil.

1 INTRODUÇÃO

Sob a luz de Bell Hooks (2019), Stuart Hall (2016) e Serge Moscovici (1978), foram estudadas as representações da identidade capixaba a partir de uma cena da telenovela *A Dona do Pedaço* (2019), escrita por Walcyr Carrasco e dirigida por Amora Mautner. A obra audiovisual, cuja fase inicial se ambienta no Espírito Santo, constituiu-se como um elemento mediador das discussões sobre cultura regional. A região foi pouco explorada no gênero[3], tornando-se uma oportunidade de vislumbrar o saber constituído sobre ela.

Por meio da indicação e do questionamento de certos atributos observados, os estudantes externaram imagens compartilhadas acerca do objeto de sentido. Os entendimentos extraídos da leitura da ficção seriada televisiva revelaram ratificações e estranhamentos, os quais são aqui expostos e discutidos. Percebeu-se como essa identidade se manifestou na telenovela e na visão dos alunos, estabelecendo-se uma comparação entre elas. Como questionamento: quais são as semelhanças e diferenças entre o entendimento da emissora e dos alunos sobre a naturalidade?

Stuart Hall (2016, p. 21) defendeu representações como vias de significação do cotidiano, isto é, "nós concedemos sentido às coisas pela maneira que as *representamos*". O sociólogo britânico-jamaicano situou na consciência a produção de sentidos para a leitura do mundo ao redor. Já sua comunicação ocorre por meio da linguagem e "convenções sociais. Eles formam uma parte crucial da nossa cultura – nossos 'mapas de sentido' compartilhados" (Hall, 2016, p. 54).

Bell Hooks (2019) propôs uma reflexão acerca do processo de persuasão que se opera por meio das representações. Sobre o que se quer convencer por meio delas? De onde provêm? A autora defendeu que existem condicionamentos da produção de significantes por forças hegemônicas com a promoção de sentidos negativos em certos casos, como na questão racial. A iteração de valores gera assimilação, atingindo identidades e comportamentos. Hooks (2019) orientou que se observe a recepção e clamou por mudanças: "não podemos controlar nossas imagens, como nos vemos (se nossas visões não forem descolonizadas) ou como somos vistos" (Hooks, 2019, p. 31), mas existe a possibilidade de "transformar as imagens, criar alternativas, questionar quais tipos de imagens subverter, apresentar alternativas críticas e transformar nossas visões de mundo" **(Hooks, 2019, p. 32).**

Por fim, Serge Moscovici (1978) teorizou sobre as representações nas interações cotidianas como referências socializadas. O psicólogo social demonstrou como conceitos de determinado campo são apropriados e apareceram no senso comum em uma cadeia de eventos com inúmeras rupturas. Logo, seu olhar está no processo de transformação dos evocadores de sentido.

Vem de Hall (2016), Hooks (2019) e Moscovici (1978) os subsídios teóricos empregados para avaliar um fragmento da telenovela *A Dona do Pedaço* (2019) contendo representações do capixaba. A cena apresenta toda a residência da família Ramirez, demonstra o comportamento hostil das personagens em face do romance entre os indivíduos de famílias rivais, diferencia os crimes praticados por elas, além de contar com uma indicação da cidade de Vitória em diálogo. É um dos principais eventos do primeiro capítulo e sintetiza bem a história, razão da sua escolha.

3 Segundo Nilson Xavier (2019), apenas as versões de Cabocla foram situadas no Espírito Santo.

No primeiro momento, o pensamento moscoviciano foi exposto, responsável pela estrutura da investigação. Em seguida, os alunos foram ouvidos sobre o trecho da telenovela, dizeres que foram discutidos prioritariamente com esse pensamento, a partir das categorias "atitude", "informação" e "campo da representação". Por fim, os resultados foram aprofundados com demais autores indicados. Por fim, destaca-se que como é pesquisa de opinião com participantes não identificados (CNS n.º 510, de 2016, em seu artigo 2º, XIV), foi dispensada a análise do Comitê de Ética.

2 O PENSAMENTO MOSCOVICIANO

O pensamento moscoviciano parte da esfera de ação, que gera conceitos. Nas palavras de Moscovici (1978, p. 41): "as representações sociais correspondem, por um lado, à substância simbólica que entra na elaboração e, por outro, à prática que produz a dita substância". Em seguida, conforme a teoria, esse conhecimento é simplificado, distorcido e aplicado. O autor indicou a conduta dos indivíduos nessa leitura e transformação em entendimento ordinário, conquistada no uso corriqueiro. Se há distância, ela é apenas do polo de origem, já que as temáticas estão próximas de sua vivência de algum modo.

A teoria afastou a possibilidade de as representações espelharem seus elementos primordiais, isto é, serem cópias fiéis. De acordo com Moscovici (1978), o sujeito é ativo nesse processo. Ademais, eles não só manifestam seu entendimento como também desencadeiam ações no processo. Dessa forma, elas interferem no representado, no uso que se faz dele e na predisposição em relação a ele.

Depreende-se dessa teoria que embora o morfema "re" sobressaia, o termo "produção" é mais importante na significação. A prefixação denota apenas o caráter de segundo processo, que se iniciou novamente. A repetição é da dinâmica, não do sentido, na sua integralidade. Obviamente, há recorrências, contudo, ao reativar a memória, essas lembranças são avaliadas. Para Moscovici (1978), o afastamento e o saber do sujeito no resgate do elemento representado são indispensáveis para se atribuir o caráter de versão. Ele é um equivalente que se apresenta devido à falta, que o renova ao mesmo tempo que reavê o fundamento. Ele concluiu: "representar uma coisa, um estado, não consiste simplesmente em desdobrá-lo, repeti-lo ou reproduzi-lo; é reconstitui-lo, retocá-lo, modificar-lhe o texto" (Moscovici, 1978, p. 58) e "aí reside o poder criador da atividade representativa: partindo de um repertório de saberes e experiências, ela é suscetível de deslocá-los e combiná-los, para integrá-los aqui ou fazer com que se desintegrem acolá" (Moscovici, 1978, p. 62). No fim, o autor pontuou que esse recurso permite que conceitos sobre a realidade estar presente nessa mesma esfera.

A constituição de uma representação social se dá, de acordo com Moscovici (1978), por meio da objetivação e da amarração/ancoragem. Na sua perspectiva, a amarração envolve uma série de eventos que levam à apropriação utilitária, ou seja, "a sociedade converte o objeto social num instrumento de que ela pode dispor, e esse objeto é colocado numa escala de preferência nas relações sociais existentes" (Moscovici, 1978, p. 173). Já a objetivação permite que os significados absorvidos angariem forma física e são ajustados à sociedade. Essa materialidade é submetida ao processo de naturalização e de classificação. Sintetizou o autor: "a objetivação transfere a ciência

para o domínio do *ser* e a amarração a delimita ao domínio do *fazer*, a fim de contornar o interdito de comunicação" (Moscovici, 1978, p. 174).

Aqui se investiga como alunos em solo espírito-santense representam a naturalidade capixaba. Sua concepção foi externada ao analisar um vídeo da telenovela *A Dona do Pedaço* (2019), que possui personagens e espaços como se fossem dessa origem. Para Moscovici (1978, p. 48), "quando exprime sua opinião sobre um objeto, somos levados a supor que ele já se representou algo desse objeto". Torna-se relevante destacar que o estado é diverso e apenas alguns traços sobressaíram.

Se Moscovici (1978) buscava deturpações a partir do fluxo entre a ciência e a coletividade, do saber institucionalizado ao senso comum, a contraposição deste artigo é entre o que o aluno concebe como identidade e como ele analisa outra representação dela, a telenovela. Seu entendimento provém da cultura que vivencia e atua na redefinição. A experiência dos alunos é direta. O mesmo não ocorre, por exemplo, com o telespectador das demais localidades do país, que transforma essas representações em conhecimento indireto.

3 MÉTODO

O método moscoviciano propõe três aspectos: "a atitude, a informação e o campo da representação ou imagem" (Moscovici, 1978, p. 67). O primeiro parâmetro considera o posicionamento manifestado pelos entrevistados acerca da matéria de sentido evocada: "a atitude logra destacar a orientação global em relação ao objeto" (Moscovici, 1978, p. 70). Ao falar sobre Psicanálise, o autor extraiu a opinião de diferentes segmentos sociais a respeito dela, comparando-a. Neste artigo, as indicações dos alunos sobre a telenovela manifestaram os atributos que foram discutidos. Imersos na cultura, os referentes naturalmente compõem ou dialogam com suas identidades.

O segundo parâmetro moscoviciano questiona o quanto a amostra sabe a respeito do assunto. Para Moscovici (1978, p. 67), "informação – dimensão ou conceito – relaciona-se com a organização dos conhecimentos que um grupo possui a respeito de um objeto social". De alguma forma, avalia-se como seu entendimento da Psicanálise se aproximou do saber institucionalizado, considerando profundidade, autenticidade e logicidade. Este trabalho não tem por objetivo questionar a sabedoria dos alunos, considerada relevante pela sua participação na cultura capixaba.

Por fim, a "dimensão 'campo de representação' remete-nos à ideia de imagem, de modelo social, ao conteúdo concreto e limitado das proposições atinentes a um aspecto preciso do objeto da representação" (Moscovici, 1978, p. 69). Nesse contexto, questiona-se o objeto, o que é e não é valorizado. Vale pontuar que a essência do método de Moscovici (1978) é a análise de conteúdo, oferecendo categorias de leitura.

3.1 EXPERIMENTOS CAPIXABAS ANTERIORES

Em exame psicossocial, Aldemir Luiz Garcia (2004) empregou as ideias de Moscovici (1978) para estudar o folclore capixaba sob a ótica de trinta e dois docentes do ensino básico de Vitória/ES. Como principais resultados, destacam-se:

> (...) segundo os professores, a identidade capixaba é formada pelos seguintes elementos: manifestações artístico-culturais em geral, 34,1% (foram citadas festas tradicionais, música e medicina popular, etc.); culinária típica 34,1% (destaques: torta e moqueca capixaba); artesanato típico 24,8% (principalmente as panelas de barro, artesanato de conchas, cerâmica, etc.); a história local 15,5%; a tradição oral 12,4% (receitas, costumes, simpatias,etc.); o meio geográfico 12,4% (as praias, o mangue, as montanhas); a religiosidade 12,4% (templos históricos, festas religiosas); e alguns elementos da cultura afro- brasileira 3,1% (música e dança, como o congo). Quanto aos 24,8% dos professores que não responderam a questão, podemos supor ao menos duas explicações: ou não concordaram com a ideia de uma identidade capixaba, ou concordando com tal idéia, não identificaram os seus elementos constitutivos (Garcia, 2004, p. 88).

Já em investigação feita com sessenta capixabas por Lídio de Souza *et al*. (2012) com a mesma teorização, a identidade capixaba foi delineada, sobressaindo particularidades sobre conduta social, turismo e tradição. Os autores vislumbraram recorrências de indicações:

> Os elementos mais centrais da representação social do Estado do Espírito Santo fazem referência ao amor ao estado, ao Convento da Penha, ao desenvolvimento e à religiosidade. Na periferia mais próxima aparecem os elementos cidades do estado, montanhas, praias, torta e moqueca, belezas naturais, bonito, minha casa, panela de barro e petróleo. O elemento congo integra a periferia mais distante (Souza *et al,* 2012, p. 466).

Quanto às pessoas do estado, eles afirmaram a partir do mesmo conceito que "são: alegres, fechadas e receptivas. A periferia mais próxima é constituída pelas características comunicativas, desconfiadas, festeiras, pouco receptivas, religiosas, simpáticas" (Souza *et al*, 2012, p. 466). Nas conclusões, os autores pontuaram a fé e "pessoas com sotaque" (Souza *et al.,* 2012, p. 470) como traços. Vale ressaltar que a pesquisa tratou da "atitude", valorando os aspectos, mas não aprofundou o grau de "informação" (Moscovici, 1978) dos participantes.

> Citações positivas (de acordo com a contextualização das evocações), como "festivas, comunicativas e simpáticas", aparecem associadas a "desconfiadas e pouco receptivas", o que indica, ao mesmo tempo, a tentativa de valoração da identidade do próprio povo e a acomodação de características percebidas como negativas. As contradições (receptivas x pouco receptivas; fechadas x comunicativas, por exemplo) indicam que não existem características consolidadas e consensuais em relação à identidade capixaba, visto que a preocupação com a diferenciação em relação às pessoas de outros estados é ainda muito recente (Souza *et al*, 2012, p. 467).

Os experimentos de Garcia (2004) e de Souza *et al*. (2012) diferem deste trabalho pelo fato de aqui se empregar um objeto midiático como mediador na extração dos dados, além de duas outras perspectivas alinhadas: o olhar feminista étnico de Hooks (2019) e a visão culturalógica de Hall (2016). Embora a cultura capixaba e o pensamento moscoviciano sejam comuns nas investigações, este arti-

go objetiva avaliar a representação da identidade capixaba na telenovela *A Dona do Pedaço* (2019). Os elementos da naturalidade apareceram a partir desse processo. Ademais, os parâmetros não foram hierarquizados, como fizeram os demais. Pelo tamanho das amostras, 32 (Garcia, 2004), 60 (Souza *et al*, 2012) e 53, aspectos qualitativos deveriam ser a prioridade, já que cada representação é vista como um equivalente do objeto, não necessitando a quantificação, a não ser para mensurar sua força. Ainda assim, como resultados similares, as categorias "religiosidade", "sotaque" e "conduta" apareceram em maior número. Mas, como será visto a seguir, há dissenso na segunda categoria.

3.2 NOVO EXPERIMENTO CAPIXABA

Em 2022, cinquenta e três alunos do curso de Publicidade e Propaganda e Jornalismo, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), foram indagados acerca da representação de capixaba em um vídeo de *A Dona Do Pedaço* (2019) como uma atividade interpretativa de final de disciplina, manifestando sua opinião de forma anônima. Eles residiam no estado e possuíam como idade majoritariamente entre 20 e 23 anos: 28,3% (15 alunos) com 21 anos, 24,5% (13 alunos) com 22 anos, 15,1% (8 alunos) com 23 anos, 11,3% (6 alunos) com 20 anos, 3,8% dos alunos (2 alunos) com 25 anos e mais de 27 anos cada, além de 1,9% (1 aluno) com 18, 19 e 26 anos cada.

Sobre a origem dos participantes, 40 alunos se declararam "capixabas". Ainda, sobre a caracterização, 64,2% (34 alunos) moraram a maior parte de suas vidas na região central do estado (Vitória, Afonso Cláudio, Venda Nova do Imigrante e Santa Maria de Jetibá), 15,1% (8 alunos), 7,5% (4 alunos) no litoral norte (São Mateus, Linhares e região), 9,5% (5 alunos) no sul (Cachoeiro do Itapemirim e Alegre) e 3,8% (2 alunos) na região noroeste (Colatina e Nova Venécia). Sobre a trama, 40 alunos (75,5%) declararam que não assistiram *A Dona do Pedaço* (2019).

Por meio de questionários, foram colhidas as opiniões sobre um vídeo[4] da telenovela. Com quatro minutos e vinte e sete segundos de duração, o fragmento é iniciado com Maria da Paz Ramirez e Amadeu Matheus se beijando, iluminados pelo sol. Em seguida, os Ramirez discutem a continuidade dessa relação, já que existe uma rivalidade histórica entre as famílias. É importante destacar que as opiniões dos participantes de outras naturalidades estão em cinza nos quadros apresentados a título de ilustração da pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A primeira ação de reconhecimento dos sentidos da identidade gerou uma negação por parte da amostra. Os alunos manifestaram um "olhar opositor" (Hooks, 2019), isto é, analisaram o vídeo criticamente, questionando e resistindo ao discurso apresentado, embora não se tenha avaliado a compreensão dos alunos do processo político-cultural em que estão inseridos, apenas o que motivou o estranhamento.

4 Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/7630282/. Acesso em 22 de maio de 2024;

A partir do questionamento "Você vê algum traço característico do povo do ES no vídeo?", quinze dos quarenta estudantes capixabas disseram ter constatado semelhanças. Dos treze alunos de outras origens, cinco notaram similaridades. Então, torna-se importante discutir os aspectos vistos por esses vinte alunos, que representam 37,73% dos entrevistados, externados a partir da indagação "Em caso afirmativo, o que você vê de traço característico do povo do ES no vídeo?". As qualificações vislumbradas foram distribuídas nos seguintes eixos: "criminalidade", "religiosidade", "tradição", "etnia", "sotaque" e "conduta". Dentre eles, só capixabas falaram a respeito de "sotaque", "etnia" e "criminalidade" nesse primeiro momento.

Antes de ilustrar e de examinar as categorias citadas, é preciso salientar que os alunos foram instigados novamente a criticar a cena a partir da questão "Comente a representação do povo capixaba no vídeo de *A Dona do Pedaço*", gerando respostas a respeito de "criminalidade", "sotaque", "conduta" e "etnia", aqui descritos concomitantemente.

Quando provocados inicialmente sobre os traços similares reconhecidos na cena, dois alunos capixabas apontaram a presença da temática criminal no imaginário local, inclusive, citando o município de Afonso Cláudio, de onde veio a inspiração da obra, conforme o quadro 1.

Quadro 1 – Temática criminal em *A Dona do Pedaço* (2019)

1	A cultura dos crimes de mando (justiça particular ou pistolagem), que foram e ainda são presentes na realidade histórica e social da sociedade capixaba, principalmente no interior.
2	Vemos o embate de famílias e um histórico de pessoas justiceiras, que era muito comum em Afonso Cláudio, cidade de interior do ES.

Fonte: elaborado pelo autor

Seguindo Moscovici (1978), torna-se necessário comparar os objetos na representação da telenovela e dos estudantes. As falas acima remetem à imagem de um interior incivilizado e sem atuação efetiva do poder público, propiciando os delitos explorados pela obra televisiva. Logo, há similaridades no "campo da representação" (Moscovici, 1978) entre esses alunos e *A Dona do Pedaço* (2019). Os dizeres denotam, ainda, um grau relevante de "informação" sobre a localidade e "atitude" de naturalização do problema, embora a discrepância do tempo verbal deixe dúvida acerca da continuidade do tipo de crime na região.

Todavia, no segundo momento desta investigação, a abordagem do crime foi criticada, um dos motivos que se coloca como razão para a não aceitação da representação pelos estudantes. Se anteriormente dois alunos concordaram com a obra, doze rechaçaram esse traço pela intensidade. A título de esclarecimento, apenas um aluno reforçou a existência do problema no estado, isto é, as repostas 2 e 12 do quadro 1 e 2, respectivamente, foram dadas pelo mesmo participante. Além do mais, a datação e o receio da generalização foram postos como argumentos para a recusa. Dessa forma, no questionamento "Comente a representação do povo capixaba no vídeo selecionado de *A*

Dona do Pedaço",no "campo de representação" segundo Moscovici (1978) é divergente, com destaque aos valores negativos que sobressaíram na obra. Ainda, aplicando o ideário moscoviciano, a "atitude" dos alunos é de refutação da acentuação e da naturalização do objeto "crime", embora eles não neguem sua existência. Não há dados suficientes para mensurar o grau de "informação" (Moscovici, 1978) a partir dessas respostas.

Quadro 2 – Novas opiniões sobre a temática criminal em *A Dona do Pedaço* (2019)

1	Acho que a tentativa de emular um conto de Romeu e Julieta e com isso fizeram com que a violência em si ficasse acima de quaisquer outros traços da cultura e dos costumes.
2	A obra reforça muito a ideia de uma população na defensiva que luta pra manter o seu lugar/espaço. Isso é um fato histórico interessante. Achei um pouco exagerado, dramático, mas as tendências apontadas tem o seu fundo de verdade. A violência representado eu leio como sendo exclusiva daquela família, por ser rival dos "Mateus" e não vejo como uma característica a ser generalizada.
3	Ambas famílias apresentadas matam pelos seus interesses, e ainda justificam suas ações, fazendo parecer uma prática comum.
4	Não é positiva. A cena fala sobre uma família que é muito poderosa e corrupta, que só não é presa porque controla a polícia, e mostra uma família proibindo uma mulher de encontrar a pessoa que ela ama por causa de ele ser de uma família rival. Por cena essa somente, não é possível gostar ou se identificar com os personagens.
5	O capixaba foi representado como um povo violento e que vive no mato.
6	Como um povo muito religioso, ligado a família e extremista.
7	Um povo individualista que parece estar sempre na defensiva.
8	Parece que todo o povo capixaba parou no século XX. Como uma organização feudal familiar.
9	Se fosse somente conservadora estava ok, mas representaram os capixabas do interior de uma maneira muito violenta e ultrapassada.
10	É como se fosse um povo influente, a ponto de não ser preso, e pessoas ruins que são justiceiros ou que até mesmo matam por prazer.
11	Acredito terem trazido em sua representação um capixaba do interior do Estado em meados dos anos 90, pouco letrado, com costumes familiares até então irrefutáveis, possuindo sede de justiça com próprias mãos - indicativos de matadores de aluguel muito corriqueiro no período.
12	O mais característico capixaba, é essa história das famílias que tinha como trabalho fazer justiça com as próprias mãos, ou seja, eram justiceiros. Trabalho muito comum nos interiores do Espírito Santo.
13	Representaram de modo muito ultrapassado, quase de maneira primitiva, isso não condiz com a realidade.

Fonte: elaborado pelo autor

O “primitivismo” assinalado pelo comentário número 13 do quadro 2 é um aspecto da “comodificação da outridade” estudado por Hooks (2019). Para ela, as identidades e etnicidades são comumente convertidas em produtos. No processo, projeta-se um caráter instintivo no outro. Esses traços geram a curiosidade e a atratividade. Não é, portanto, uma especificidade, mas intensificação ou associação que ocorre por meio das representações sociais. Quando se têm características próprias, elas são suprimidas a partir do processo de diluição na generalidade. Essa

comodificação, no primeiro momento, leva à superação das barreiras convencionais. Na telenovela, a acentuação do crime segue essa ideia. Empregou-se o “território capixaba” como palco para representar histórias contrárias às leis morais e sociais. Ademais, a temática apareceu descontextualizada, presentificada e generalizada. Ainda, segundo Hooks (2019), no processo de mercantilização, gera-se o apagamento cultural do outro, com sua subordinação aos ideais hegemônicos. Na obra estudada, a falta de especificidade é o principal indício desse viés

A ausência de marcos temporais significativos propicia a presentificação da trama, tornando-a problemática. É importante averiguar o “primitivismo” também sob um viés cronológico. Em seu resgate histórico para compreender a representação cultural no jornalismo, João Carlos Simonetti Jr. (2002, p. 67-68) pontuou entraves no desenvolvimento da região. Ele situou “progresso” e “decadência” como eixos que norteiam a identidade capixaba. Assim, a obra estudada apresenta um retrato do Espírito Santo do qual seu povo não faz questão de lembrar. É uma representação retrógrada da região que aspira ser moderna, mas tem enfrentado dificuldades para concretizar esse ideal ao longo de sua trajetória. Nesse contexto, como os capixabas aceitariam sua conterrânea Maria da Paz, fugindo de um bang-bang em seu quintal para enriquecer na cidade de São Paulo? É uma evasão simplória e simbólica que gera estranhamentos.

A fé é um traço marcante em *A Dona do Pedaço* (2019), reconhecida por quatro alunos como referente do estado onde vivem. Seguindo a teorização de Moscovici (1978), o objeto “religiosidade” no “campo de representação” dos alunos e da obra midiática é similar. Ademais, a “atitude” diante do traço é de neutralidade e respeitabilidade. Apenas uma opinião trouxe dado aprofundado, denotando um grau elevado de “informação” (Moscovici, 1978) ao mencionar o alto consumo de músicas de Aline Barros no estado.

Outro aspecto que apareceu na primeira avaliação dos estudantes foi a “tradição”, apontado por sete alunos. Ao analisá-la com o pensamento moscoviciano, constatou-se que o traço é semelhante no “campo de representação” dos alunos e da telenovela. Ao avaliar a “atitude” dos alunos conforme propôs Moscovici (1978) perante o mesmo aspecto, viu-se que duas opiniões depreciaram essa característica enquanto os demais não se posicionaram. Sobre “informação” (Moscovici, 1978), três alunos citaram a valorização do sobrenome da família no estado, inclusive mencionando empreendimentos que carregam esse tipo de alcunha, em resposta à iteração da identificação das famílias Matheus e Ramirez que duelam na trama.

Quadro 3 – Sotaque representado em *A Dona do Pedaço* (2019)

1	Nas falas de Aadeu, vejo que ele dobra as vezes o "ii" e coloca "i" onde não tem, por exemplo "leitii", nas falas é perceptível.
2	A não representação de sotaque forte ou muito característicos.
3	Não temos sotaque acentuado.
4	Quando falamos de uma característica aparente, eu já identifico o sotaque do povo capixaba. Nós, costumamos falar que não temos sotaque, porque não identificamos, na nossa fala, nenhuma letra puxada ou entoação marcante. Mas ao ver essa cena, na qual atores cariocas fazem nosso sotaque, se vê que nós falamos "cantando".
5	Uma coisa que me incomodou ao assistir o vídeo foi a representação do sotaque, principalmente o da Juliana Paes, que por ser carioca tem um sotaque bastante marcante. Na cena em questão, o som do "s" sem o chiado característico dos cariocas parece forçado e ela acaba deixando escapar "Deux" no final da cena.
6	É uma representação superficial, que se caracteriza basicamente na fala dos personagens sem um sotaque aparente que é comum ver em novelas (e mesmo assim alguns atores ainda "puxam o s")

Fonte: elaborado pelo autor

Sotaque é um referente identitário geralmente criticado em obras audiovisuais com aspectos regionalistas, citado trinta vezes nesta investigação. A título de ilustração, conforme os dizeres 2 e 3 contidos no quadro 3, o povo capixaba não possui modulações específicas em seu falar, o que não ocorreu na telenovela na visão de 1 e 4. Seguindo os apontamentos de Moscovici (1978), não há similaridade entre o objeto "sotaque" no "campo de representação" dos alunos e da obra. A "atitude" dos alunos quanto à característica é de negação, isto é, originários não possuem a característica. Pode-se colocar esse parâmetro também como razão para a recusa da representação. Por fim, o grau de "informação" (Moscovici, 1978) foi considerado alto em dizeres com exemplificações, como em 1, 5 e 6.

Quando instigados a comentar sobre a representação na segunda etapa, o tema foi pautado por oito universitários. Ao final da pesquisa, propondo estratégias que reforçariam a identidade, a maneira de falar sobressaiu. Além da pronúncia, empregando atores locais para demonstrar o acento, eles indicaram a necessidade de incluir gírias regionais nos diálogos, como "pocar", "massa", "ir pro rock", "taruíra", "iá" e "saltar do ônibus", o que não foi explorado na obra midiática.

A falta de propensão do capixaba para a comunicação, citada em 1, 2, 4 e 6 no quadro 4, pode ocasionar estranhamentos citados pelos alunos quando se avalia a conduta do povo capixaba em 3, 5, 7 e 8. A convivência com naturalidades comumente consideradas sociáveis, como mineiros e baianos, causa o contraste.

Quadro 4 – Conduta do capixaba em *A Dona do Pedaço* (2019)

1	Serem mais reservados
2	A desconfiança do diferente
3	Uma grosseria sem fim, não sei se é do interior, mas de Vitória é sim
4	O preconceito com o que é de fora do que ele conhece, dificuldade para confiar e se abrir para novas pessoas
5	Grosseria. A novela colocou esse ponto num nível de falta de educação e de respeito. Isso não é tão verdadeiro assim. É raro ver pessoas ofendendo de graça. A população é mais fechada do que propriamente má educada.
6	Pessoas reservadas que costumam ser mais comunicativas com quem já conhecem.
7	Intimidação, Insensibilidade e Preconceito.
8	Não cumprimentar ou dar bom dia a vizinhos.

Fonte: elaborado pelo autor

A partir da leitura dessas opiniões em Moscovici (1978), notou-se que o objeto "conduta de introversão" pode ter sido acentuado na obra midiática. Mas, ainda, assim, ela está presente no "campo de representação" dos participantes. Em relação à "atitude" diante desse traço, alguns avaliaram negativamente, como 3 e 5. Ao final da pesquisa, vinte e nove alunos reforçaram a necessidade da característica em uma representação da naturalidade capixaba.

Ao final da pesquisa, os participantes destacaram a falta de especificidades no vídeo estudado, conforme ilustrado pelo quadro 5, realçando a "atitude" contrária à representação e a crítica objeto no "campo de representação" (Moscovici, 1978).

Quadro 5 – O interior genérico e "des-territorializado" de *A Dona do Pedaço* (2019)

1	Além da menção ao nome da capital, não há nada que seja específico da identidade do capixaba na cena, a família poderia ser do interior de qualquer região.
2	Genérico e um estereótipo que pode ser direcionado a qualquer região do país, não sendo exclusivamente de fácil identificação da figura capixaba.
3	Considerando que são pessoas do interior, acredito que isso seja mais marcante para o comportamento dos personagens do que o fato de serem capixabas em si.
4	Só noto que se trata do ES quando o ator menciona o nome da capital. A vibe meio interior apesar de presente não demonstra nenhuma característica exclusiva do estado, é representada de forma bem genérica.

5	A representação da família de interior é um tanto quanto generalizada, sem um contexto prévio não dá pra deduzir que se trata de uma família interiorana capixaba justamente pela falta de elementos característicos do estado.
6	É uma representação superficial. No geral, não é possível saber que a cena se passa no Espírito Santo se não houver uma contextualização maior.
7	O capixaba representado no vídeo é um estereótipo das famílias do interior.
8	Genérica. Podendo ser uma representação, até um pouco "acima do tom", de uma família conservadora do interior.

Fonte: elaborado pelo autor

Ainda que tenha sido evocado o território por meio das falas de personagens, sua identidade foi invisibilizada por ausências (como cenários característicos do Espírito Santo) e presenças estranhas (como o sotaque), além da superficialidade. Na visão de Hooks (2019, p. 251), esse processo não pode ser considerado como algo neutro: a "falta de reconhecimento é uma estratégia que facilita transformar um grupo em Outro". O interessante foi notar que a representação não foi aceita pelo mínimo, ou seja, segundo Hooks (2019, p. 190), não foi buscada a "regressão pela identificação". Por fim, ressalta-se a associação do espaço com outras regiões:

Pela perspectiva geográfica, a unidimensionalidade do interior representado pode ser vista sob a luz do conceito de "des-territorialização", compreendido como "movimento pelo qual 'se' abandona o território [] que pode ser recoberta por uma reterritorialização que a compensa" (Deleuze; Guattari, 2011, p. 197-198). Nesse contexto, o afastamento das especificidades do solo espírito-santense foi buscada para que se equiparasse a outros como uma "re-territorialização".

Embora os estudantes tenham opinado apenas sobre um vídeo de *A Dona do Pedaço* (2019), a pesquisa se estendeu aos sete primeiros capítulos da obra que tratam do estado, e pôde-se notar que os problemas aqui citados são recorrentes.

5 CONCLUSÕES

Ao final desta mirada sobre a telenovela *A Dona do Pedaço* (2019), que contemplou o exame das representações sociais de capixaba, especificamente sobre as categorias "criminalidade", "religiosidade", "tradição", "sotaque" e "conduta" extraídas de opiniões de cinquenta e três participantes, foram notados problemas em torno de alguns desses referentes identitários. Ademais, aqueles que estão em conformidade, não são exclusivos da região. As reflexões trazidas por Hooks (2019), Deleuze e Guattari (2011) e Simonetti Júnior (2002) propiciaram o entendimento da sua ocorrência.

Os estudantes dos cursos de Comunicação da Universidade Federal do Espírito Santo que participaram desta pesquisa não reconheceram substancialmente a naturalidade capixaba na telenovela, inibindo seu uso alusivo. Externamente, os espectadores poderiam fazer uso da representação como

saber indireto da região, como vislumbrado por Moscovici (1978), mas a superficialidade dificultaria atribuir sentidos e realizar associações. No fim, é como se a representação midiática da região não existisse, isto é, o lugar de equivalente não se concretiza.

Geralmente os trabalhos acadêmicos trazem análises de um acadêmico sobre o objeto. Neste artigo, os pesquisadores propuseram examinar o objeto midiático a partir de dados trazidos no debate por outros, um grupo que dialoga diretamente com a matéria de sentido em questão. São investigadores mirando terceiros que olham e questionam uma proposta de espelho de si.

REFERÊNCIAS

A DONA DO PEDAÇO. Roteiro: Walcyr Carrasco. Direção: Amora Mautner. Rio de Janeiro, Rede Globo, 161 capítulos, 2019. Disponível em: https://globoplay.globo.com/a-dona-do-edaco/t/c7sbwWz7jf/, Acesso em 22 maio 2024.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2011.

GARCIA, A. L. A identidade capixaba em questão: uma análise psicossocial. **Psicologia & Sociedade**, 16(3), 82-90, 2004.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALL, S. **A identidade cultural na pós Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HOOKS, B. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

SIMONETTI JÚNIOR, J. C. O **Capixaba e o Outro: representação da identidade cultural no jornalismo impresso do Espírito Santo**. (Dissertação). Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, 2002.

SOUZA, L.; WANDERLEY, T. C.; CISCON-EVANGELISTA, M.R.; BERTOLLO-NARDI, M.; BONOMO, M.; BARBOSA, P. V. Representação social de capixaba: identidade em processo. **Psicologia & Sociedade,** 24(2), 462-471, 2012.

XAVIER, N. **A Dona do Pedaço" se passa no Espírito Santo, mas tem quase nada do estado**. Disponível em: https://tvefamosos.uol.com.br/blog/nilsonxavier/2019/05/23/a-dona-do-pedaco-se-passa-no-espirito-santo-mas-tem-quase-nada-do-estado/, Acesso em 22 maio 2024.

Recebido em: 13 de Julho de 2025
Avaliado em: 11 de Setembro de 2025
Aceito em: 22 de Outubro de 2025

A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site https://periodicos.set.edu.br

1 Pós-doutorado estratégico com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutor, mestre e bacharel em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (FAAC/UNESP). E-mail: enrique.cazani@unesp.br

2 Professora Associada do Departamento de Comunicação Social e Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Brasil. Pesquisadora da Fapes/ES, Edital Mulheres na Ciência. Desenvolve pesquisa sobre audiovisualidades e sua interseção com teoria e crítica feministas contemporâneas. Integra o LapVim - Laboratório de Pesquisas sobre enfrentamento à Violência contra Mulheres no Espírito Santo e o grupo de pesquisa CIA - Comunicação, imagem e afeto (UFES/CNPq). Cursou Doutorado em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro - Eco/UFRJ (2010), instituição onde também concluiu primeiro Estágio Pós doutoral, em 2018. Em 2023 concluiu segundo Estágio Pós doutoral junto ao Programa de Pós-graduação em Filosofia/UFES.
E-mail: gabriela.alves@ufes.br

Copyright (c) 2025 Revista Interfaces Científicas - Humanas e Sociais

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

GRUPO TIRADENTES
Inspirando o futuro
EDUNIT